



## Youth employment: a mato grosso study (2018-2019)

### Emprego juvenil: um estudo mato Grossense (2018-2019)

XAVIER, Abigail Siqueira<sup>(1)</sup>; FARO, Kelly Cardoso<sup>(2)</sup>

<sup>(1)</sup> 0000-0002-4364-600X; Universidade Federal de Rondonópolis. Rondonópolis, MT, Brasil. E-mail: bigaxavier@gmail.com

<sup>(2)</sup> 0000-0003-4668-2142; Universidade Federal de Rondonópolis. Rondonópolis, MT, Brasil. E-mail: kelly.faro@ufr.edu.br

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

#### ABSTRACT

This work aims to outline a profile of employment in the young age group (16 to 24 years old) in Mato Grosso and then compare it with the profiles of the macro-regions of the country, present in the work of Faro and Ferrarini (2021). For this, data available from the National Household Sample Survey - continuous PNAD, for the biennium 2018-2019, was used as a source. After the characteristics defined for the profile related to young people from Mato Grosso, a brief summary of the results found by the authors of the work to be compared with the present study was presented. Among the results found for young people from Mato Grosso, it was observed that the average income of all sources of young employees is less than R\$800, the average years of schooling are 11.5, and the number of men in the job market work is superior to that of young women, however, women lead in terms of occupying formal jobs and most of these young people declared themselves to be black or brown. The sector that most employs young people in commerce, however, as shown in the work by Faro and Ferrarini (2021), it is the activity that has the highest level of informality. This profile is similar to the results presented for the Midwest region.

#### RESUMO

Este trabalho tem por objetivo traçar um perfil do emprego da faixa etária jovem (16 a 24 anos) mato-grossense e em seguida comparar com os perfis das macrorregiões do país, presentes no trabalho de Faro e Ferrarini (2021). Para isso, utilizou-se como fonte, dados disponibilizados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD contínua, para o biênio 2018-2019. Após as características definidas para o perfil relacionadas aos jovens do Mato Grosso, foi apresentada um breve resumo dos resultados encontrados pelas autoras do trabalho a ser comparado com o presente estudo. Dentre os resultados encontrados para os jovens mato grossenses, observou-se que a renda média de todas as fontes dos jovens empregados tem valor inferior a R\$800,00 a média de anos de estudo está em 11,5, a quantidade de homens no mercado de trabalho é superior à das jovens mulheres, no entanto, as mulheres lideram no que diz respeito a ocuparem empregos formais, e a maioria desses jovens se auto declararam pretos ou pardos. O setor que mais emprega os jovens é o comércio, entretanto, como apresentado no trabalho de Faro e Ferrarini (2021), é a atividade que apresenta o maior nível de informalidade. Esse perfil se assemelha com os resultados apresentados para a região Centro Oeste..

#### Introdução

As transformações econômicas dos últimos anos provocaram mudanças consideráveis no mercado de trabalho brasileiro. Como consequência, observa-se a alta taxa de desemprego, aumento da competitividade no mercado de trabalho, assim como aumento no nível de qualificação exigido para preenchimento dos postos de trabalho disponíveis. A oferta dessas vagas de trabalhos não é suficiente frente ao rápido crescimento da População Economicamente Ativa – PEA, fazendo com que aumente a taxa de trabalhos informais, geralmente, trabalhos precários e mal remunerados.

#### INFORMAÇÕES DO ARTIGO

##### *Histórico do Artigo:*

Submetido: 09/07/2022

Aprovado: 19/02/2024

Publicação: 03/03/2024



##### **Keywords:**

Mato-Grosso; Young; job Market.

##### **Palavras-Chave:**

Mato-Grosso, jovens, mercado de trabalho

Segundo a Organização Internacional do Trabalho - OIT, no Brasil, os jovens são parte da População Economicamente Ativa (PEA) de faixa etária encontra-se entre 15 e 29 anos, porém, a idade mínima legal para o trabalho é de 16 anos. Estes jovens encontram desde cedo à necessidade de ingressar no mercado de trabalho. Inserção essa, marcada por muitos desafios como informalidade, baixa remuneração, precarização da relação de trabalho e a dificuldade de conciliar os estudos e as responsabilidades familiares com o trabalho.

A variação na taxa de desemprego geral, impacta de forma significativa na taxa de desemprego juvenil caracterizada por alta taxa de rotatividade; postos de trabalho de precarizados; baixa remuneração e ausência de estrutura de cargos e carreiras.

A dificuldade do jovem em ingressar no mercado de trabalho formal advém da falta de qualificação e experiência prévia. Segundo a OIT, o desemprego entre os jovens é de duas a três vezes maior que o desemprego entre os adultos. Dados da organização mostram que, cerca de 23% da população brasileira é formada por jovens, em que 47,5% estão desocupados, ou seja, estão fora do mercado de trabalho.

A discussão acerca do emprego juvenil se mostra relevante, pois seu ingresso no mercado de trabalho marca a transição do jovem para a vida adulta. Essa relação entre o jovem e o mercado de trabalho é um ponto importante a ser estudado tendo em vista a perspectiva de que a formação educacional e profissional desses indivíduos causará efeitos na composição da força de trabalho bem como na produtividade da economia do Estado de Mato Grosso no futuro.

A precariedade das condições de trabalho dos jovens na economia brasileira incentiva o estudo acerca do crescente desemprego dos mesmos, em comparação com outras faixas etárias. Alvo deste estudo, o estado de Mato Grosso apresentou no último trimestre de 2019 uma taxa de desemprego dos jovens em 23,8%, e a taxa de informalidade se aproximou das médias nacionais, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

Desta forma, o presente trabalho tem como problematização a seguinte questão: seria o emprego para o jovem mato-grossense uma estrutura diferente das estruturas apresentadas no trabalho de Faro e Ferrarini (2021)?

Portanto, o presente trabalho traçará um perfil dos jovens entre 16 e 24 anos de idade contendo fatores como gênero, raça, setor de atividade econômica, escolaridade, e comparará com o perfil desses jovens das macrorregiões brasileiras, já definidos no trabalho de Faro e Ferrarini (2021). Pelo fato de o estado estar na região Centro-Oeste, se espera que seus resultados se assemelhem aos resultados apresentados para a região.

Para que esse objetivo seja alcançado será realizada primeiramente uma breve revisão de trabalhos que discutem essa problemática do emprego juvenil, serão também utilizados dados da PNAD Contínua para o biênio 2018-2019, uma verificação dos perfis macros desses jovens a fim de fazer uma comparação clara com o perfil a ser realizado neste trabalho e, levantar questões para pesquisas futura.

O trabalho está estruturado em mais cinco seções além da presente introdução, a segunda seção traz uma revisão de literatura sobre o ingresso juvenil no mercado de trabalho, assim como as dificuldades nesse processo, a terceira apresenta a metodologia de pesquisa do trabalho, que inclui os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD Contínua dos anos de 2018 e 2019 para os jovens de 16 a 24<sup>1</sup> anos de idade, a quarta seção traz o perfil dos jovens dessa faixa etária para o estado de Mato Grosso, a penúltima seção compara esse perfil com as demais macrorregiões do país, e, por fim, a última seção é dedicada aos comentários conclusivos.

## **O emprego do jovem no Brasil**

O desemprego juvenil tem sido objeto de preocupação dos governos e da sociedade devido a expressiva elevação da taxa de desemprego entre os jovens que segundo a Organização Internacional do Trabalho - OIT (2020), subiu cerca de 10 pontos percentuais de 2009 a 2019.

A discrepância nas taxas de desemprego juvenil em relação a dos adultos é alarmante, dados do IBGE para o ano de 2019 mostram que o desemprego geral foi de 11,93% enquanto que a dos jovens, entre 18 e 24 anos de idade, foi de 23,8%. Mesmo em períodos em que se nota crescimento econômico e queda do nível de desemprego global, os indicadores do emprego dos jovens não acompanham. Assim sendo, a presente seção apresentará estudos similares que discutem o baixo desempenho do emprego juvenil e seus determinantes.

Barros et al. (1997) em estudo sobre a estrutura do desemprego no Brasil, mostraram como variam a incidência e tempo de duração do desemprego ao longo de seis dimensões, sendo uma delas a idade. Os apontamentos são de que o grupo etário dos jovens apresenta altas taxas de desocupação, que na maioria das vezes, são compensadas pela baixa duração média de desemprego, bem como uma alta probabilidade de ficar sem trabalho, essa última é caracterizada por uma alta taxa de rotatividade. Ao discorrerem sobre a relevância da alocação da mão de obra como um dos fatores da desigualdade e da pobreza, os autores chegaram à conclusão que o elevado desemprego da mão de obra ingressante no mercado de trabalho é fator contribuinte para o aumento da desigualdade de renda individual, no entanto tem menos impacto na família, já que os jovens tendem a fazer contribuições relativamente pequenas para os orçamentos familiares.

Conclusões semelhantes, em termos etários, são encontrados no trabalho de Fernandes e Picchetti (1999) que analisaram a estrutura do desemprego no Brasil metropolitano, entre diferentes dimensões socioeconômicas da população, por meio de um modelo empírico de regressão de classes. Os autores também realizaram simulações com ativos: "(...) as simulações para a probabilidade de desemprego (...) mostraram um padrão monotonamente decrescente

---

<sup>1</sup> Afim de facilitar a comparação entre o Mato Grosso e as demais macrorregiões do país, foi feito o recorte de idade entre 16-24 anos, que é o mesmo recorte do trabalho de Faro e Ferrarini (2021), trabalho a qual servirá de comparação com este.

com a idade, corroborando com as estatísticas descritivas de que a taxa de desemprego é mais elevada entre os jovens..." (FERNANDES; PICCHETTI, 1999, p. 100). Outros resultados importantes foram de que as probabilidades estimadas de desemprego e inatividade, caso todos os indivíduos da amostra fossem mulheres, foram 5,6% e 48,2%, respectivamente. Para o caso de todos serem homens, essas probabilidades foram de 5,4% e 31,1%, corroborando as estatísticas descritivas de que a taxa de desemprego é superior entre as mulheres (p.102).

A alta rotatividade do emprego juvenil também pode ser constatada no trabalho de Menezes Filho e Picchetti (2000). Os autores analisaram empiricamente os determinantes da duração do desemprego na região metropolitana de São Paulo e utilizaram, entre outras variáveis, a idade, o fato de a pessoa já ter trabalhado e o tempo de atividade mais recente. Menezes Filho e Picchetti (2000) também indicaram que a probabilidade de quem já está empregado permanecer desempregado é menor que a de um indivíduo em busca do primeiro emprego para conseguir ingressar no mercado de trabalho. E quanto maior a idade, maior o tempo de espera para ingressar.

Picchetti et al. (2002), em consonância com Menezes Filho e Picchetti (2000), atentaram acerca da crescente rotatividade da mão de obra no país pontuando aspecto positivo e negativo, sendo o positivo de permitir às empresas ajustarem sua demanda por mão de obra em resposta às mudanças na demanda por produtos, não apenas ajustando o número de funcionários, mas também, o número de horas em contrato e a função a ser desempenhada. Em contrapartida, o lado negativo da alta rotatividade do emprego reflete na falta de compromisso entre empregados e empregadores: as firmas demitem trabalhadores quando a produção cai, e por outro lado, elas não incentivam a manutenção do emprego em situação conjuntural positiva, quando há crescimento e/ou aquecimento da economia.

Silva e Kassouf (2002) buscaram diagnosticar a situação dos jovens de 15 a 24 anos no mercado de trabalho brasileiro, avaliando o nível e os determinantes do emprego para essa faixa etária. Com base em estimativas empíricas, com dados da PNAD 1998, em que os jovens podem se encontrar em situação de inatividade, ativos e ocupados, ou ativos e desempregados, elas deliberaram que os fatores de maior influência na inclusão dos jovens no âmbito profissional são: i) a falta de experiência, ii) a escolaridade incompleta e, iii) a renda familiar per capita.

Posto isso, quanto maior a experiência e escolaridade, maior a produtividade, o que gera uma probabilidade maior de obtenção de emprego, assim como os rendimentos dos trabalhadores. Todos esses fatores resultaram em queda na probabilidade de inatividade e desemprego do jovem. Os dados da pesquisa relatam o quanto a experiência tem um efeito maior em relação à escolaridade no aumento da probabilidade de o jovem encontrar-se empregado. Enquanto um ano de experiência gera um aumento de 20%, um ano de escolaridade aumenta apenas 1% essa mesma probabilidade. Logo, é perceptível que o mercado de trabalho para a faixa etária entre 15 e 24 anos, valoriza mais a experiência que a escolaridade.

Em relação a variável renda familiar, Silva e Kassouf (2002) concluíram que quanto maior o suporte financeiro do jovem, melhores condições de preparo e formação escolar, o que gera um impacto positivo e significativo na probabilidade desse jovem em encontrar emprego, assim como uma chance de abrir seu próprio negócio. Observa-se então que, quanto maior a renda familiar per capita maior a probabilidade de inatividade pois essa família irá investir na formação do jovem antes de lançá-lo no mercado de trabalho.

Flori (2004), utilizando dados da Pesquisa Mensal de Emprego - PME para os anos de 1983 a 2002, decompôs a taxa de desemprego dos jovens em duração ou taxa de entrada no desemprego, comparando-a com a taxa entre adultos e idosos. Observou-se que, entre os adultos e idosos, a probabilidade de ficar desempregado é baixa e a duração média no emprego é alta. Já entre os jovens, há uma alta taxa de rotatividade da mão de obra, sendo esta, o determinante na magnitude da taxa de desemprego entre os jovens. A duração média do desemprego entre os jovens é tão alta quanto a observada entre os adultos, e a taxa de entrada no desemprego é maior.

Reis e Camargo (2007), ao aprofundarem estudos da estabilização econômica que ocorreu na década de 90 no Brasil, mostraram que, após o Plano Real em 1994, a taxa de desemprego dos jovens quadruplicou em relação a do desemprego geral. Os autores discorrem sobre como esse grupo etário é mais atingido nessa situação, pois a inflação permite uma flexibilização no salário real quando há restrição para reduzir o salário nominal, dessa forma há um enrijecimento nos salários reais e concomitantemente a falta de informações acerca dos trabalhadores, cria-se uma incerteza do empregador, que no momento preferirá mão de obra experiente.

O argumento teórico dos autores é testado empiricamente usando dados da PNAD para os anos 1981-2002. E as conclusões são de que reduções na taxa de inflação levam a aumentos na taxa de desemprego, efeito este mais significativo entre os jovens de 18 a 20 anos de idade. Quando esses jovens são divididos por nível de escolaridade, também se evidencia que a estabilização da inflação causa impactos mais significativos na duração média do emprego e na taxa de desemprego entre os jovens semiqualficados.

O estudo de Tomás et al. (2008) é baseado no adiamento do ingresso dos jovens no mercado de trabalho. Os autores fizeram uma pesquisa empírica com dados da Pesquisa Mensal de Trabalho para regiões metropolitanas de São Paulo. Foi constatado que, aumentos na idade média de inserção no mercado de trabalho indicam uma prorrogação na inatividade que não é justificado somente pelo prolongamento dos estudos, já que no país, a maior parte dos jovens estudam e trabalham. No entanto, pode ser explicado juntamente com as dificuldades na transição para a vida adulta e as mudanças no mercado de trabalho, que vale ressaltar, são diferentes entre homens e mulheres. O processo de transição das mulheres para a vida adulta diverge do observado entre os homens. Tanto em 1982 quanto em 2002, verificou-se que esta ocorre cerca de três anos mais cedo para as mulheres, o que está

fortemente associado a casamentos e uniões de mulheres com homens mais velhos, embora elas estejam adiando sua entrada e obtendo maior escolarização, sua participação no mercado de trabalho é notável. Assim sendo, mesmo que os homens tiveram maiores atrasos em relação às mulheres, esses ainda continuam a ingressar no mercado de trabalho mais cedo.

Utilizando um modelo empírico e as mesmas categorias presente na pesquisa de Silva e Kassouf (2002) e Mendonça et al. (2012), a partir dos dados da PNAD 2006, procuraram analisar os determinantes da entrada de mulheres jovens, entre 15 e 24 anos de idade, no mercado de trabalho no Nordeste. Das jovens entrevistadas, 9,80% delas se assumiram como chefes de família, 24,86% já eram casadas e 27,61% já eram mães, e o fato de já terem filhos reduz em mais de quarenta pontos percentuais a chance de transitar da categoria de inativa para ativa e empregada. Outros dois pontos analisados foram escolaridade e experiência, sendo a última uma média de 3,24 anos que é resultante do alto nível de inatividade. Os autores concluíram que, conforme esperado, aumentos nas variáveis experiência e escolaridade impactam positiva e significativamente nas probabilidades de saírem da inatividade. Sendo que um ano de experiência a mais aumenta a chance de transitar para a categoria de ativa e empregada para aproximadamente 85%.

Guimarães (2013), tem uma visão além da criação de empregos, visa saber quais são as características e qualidade das novas oportunidades de trabalho, tendo em vista que há uma crescente variação nas relações de trabalho abrindo caminho para trabalhos subcontratados, empregos temporários e mão de obra terceirizada. Ademais, há uma enorme preocupação com a trajetória profissional desses jovens frente ao mercado de trabalho. De acordo com o estudo, os jovens que entraram no mercado de trabalho por meio de empresas de seleção, agenciamento e locação de mão de obra, mesmo que ela corte vínculos depois de um curto período de tempo, esses jovens trabalhadores continuam no emprego formal, como se essas empresas servissem como “(...) uma correia de transmissão relevante para a inserção” (GUIMARÃES, 2013, p. 69), o que por sua vez, não impede que esses jovens voltem a categoria de desempregados. Essas empresas passaram a ser uma porta de entrada para o mercado de trabalho para mais da metade dos jovens contratados, já que eram inexperientes e/ou não tinham empregos de carteira assinada. Empresas desse segmento tendem a oferecer novas maneiras de inserção no mercado formal de trabalho. Assim como apontado pela autora, o modelo de contratação ao aprofundar a “rota de flexibilização” fragiliza as relações de trabalho, aumenta a precarização, e dificulta o estabelecimento das carreiras profissionais dos jovens.

Quando o tema de emprego juvenil vem à tona, junto vem a ideia de transição da educação formal para o mercado de trabalho por onde esses jovens passam. Assim sendo, Reis (2015) estuda esse processo no Brasil e chega a algumas conclusões de que jovens que já tiveram algum vínculo empregatício tem uma chance maior de conseguir emprego após concluírem os estudos do que os indivíduos sem experiência. Entretanto, quando é realizada uma comparação do jovem com alguma experiência e os adultos, as taxas são muito próximas.

Sair do desemprego para o emprego quando se tem algum nível de experiência, faz com que esse grupo etário não tenha condições piores que os trabalhadores mais velhos.

Chitolina et al. (2016) analisaram o impacto da expansão do Programa Bolsa Família na destinação dos jovens e de seus pais, e concluem que os jovens participantes do programa têm uma probabilidade cerca de 1% maior de trabalhar e estudar ao mesmo tempo, o que leva a um aumento de igual nível na participação escolar dos jovens. O estudo também demonstrou uma diminuição na participação dos jovens de 15 a 17 anos no mercado de trabalho, além da redução do trabalho infantil. Assim, apesar de não tratar diretamente do desemprego dos jovens, o programa contribui para que os jovens de baixa renda consigam acumular capital humano, o que pode ser uma ferramenta para que no futuro eles sejam mais aptos a conseguir um trabalho melhor remunerado, diminuindo o problema da pobreza intergeracional existente.

Posto isto, Barros et al. (1997), Menezes Filho e Picchetti (2000), Pichetti et al. (2002), concordam que a rotatividade entre os jovens é maior que a duração, característica oposta à dos adultos. Em síntese, sugerem que o desemprego dos jovens pode ser reflexo de sua mobilidade, bem como sua inexperiência no mercado de trabalho. Outros fatores como renda e escolaridade são importantes para se mensurar a magnitude das taxas de desemprego e inatividade. Silva e Kassouf (2002) e Mendonça et al. (2012) em suas pesquisas chegaram à conclusão de que as dificuldades de inserção do jovem no mercado de trabalho, bem como sua permanência, são devido à falta de experiência e escolaridade.

## **Metodologia**

O procedimento metodológico adotado para o presente estudo foi o levantamento bibliográfico, com pesquisa descritiva. Segundo Gil (1994), as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre as variáveis. Ainda, segundo Gil (2010), “Entre as pesquisas descritivas, salienta-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde física e mental etc.” (GIL, 2010, p. 27,28).

Assim sendo, com o intuito de apurar um perfil dos jovens mato-grossenses, na faixa etária de 16 a 24 anos de idade, foram utilizados dados disponibilizados da PNAD Contínua, divulgados para os anos 2018-2019. Jovens esses residentes de áreas urbanas e rurais, homem e mulher, estudantes ou não, e ocupados e desocupados.

A escolha desses dois anos se deu pelo fato de ser um ano antes da emergência de saúde pública causado pela COVID-19, sendo declarado pandemia no início de 2020, e um ano após a reforma trabalhista em 2017. Esses, foram anos de mudanças que causaram impactos diretos na economia e emprego.

A partir dos resultados, definir-se-á um perfil do emprego em Mato Grosso da faixa etária jovem (16 a 24 anos) e este será comparado com os perfis das macrorregiões brasileiras, presentes no trabalho de Faro e Ferrarini (2021). as tabelas 1 e 2 trazem características essenciais para traçar o perfil dos mesmos. Esses dados são referentes a gênero e raça, estudantes, economicamente ativos, ocupados ou não, com valores absolutos (mil pessoas) e distribuição percentual (%), para jovens de 16 a 24 anos de idade, referentes ao 4º trimestre de cada ano da pesquisa.

### Jovens no Mato Grosso: Biênio 2018-2019

Sendo jovem mato Grossense o tema chave deste estudo, as tabelas 1 e 2 trazem características essenciais para traçar o perfil dos mesmos. Esses dados são referentes a gênero e raça, estudantes, economicamente ativos, ocupados ou não, com valores absolutos (mil pessoas) e distribuição percentual (%), para jovens de 16 a 24 anos de idade, referentes ao 4º trimestre de cada ano da pesquisa.

**Tabela 1.**

População jovem residente por gênero e raça

Variável	Nº Absoluto (1000)		Proporção (%) Total 100%
	Ano	Total	
<b>Gênero</b>			
HOMENS	2018	234	13,90%
	2019	268	15,60%
MULHERES	2018	220	12,90%
	2019	228	13,40%
<b>Raça</b>			
BRANCA	2018	148	14,10%
	2019	140	13,60%
PRETA ou PARDA	2018	368	16,10%
	2019	378	16%

Fonte: IBGE, PNAD Contínua 2018-2019 (Elaboração Própria)

Pode-se notar na tabela 1 que, a parcela dos homens é superior à das mulheres, a qual teve um aumento de 1,7 pontos percentuais de 2018 para 2019. Assim como é notável que os declarados pretos ou pardos em ambos os anos é superior ao declarados brancos.

Dados obtidos na pesquisa mostram que no ano de 2018 a média de rendimento de todas as fontes para esses jovens, no estado de mato grosso, foi de R\$745,15 e em 2019 subiu para R\$781,30<sup>2</sup> reais. A renda não foi a única que subiu, a média de anos de estudo também se elevou de 11,45 em 2018 para 11,68 anos em 2019.

A relação entre estudo e trabalho na juventude, é particularmente complexa. É a idade em que esses jovens estão se qualificando com ensino médio e superior, e também estão

<sup>2</sup> Os dados informados são nominais, a inflação do período foi de 3,75% em 2018 e 4,31% em 2019.

tentando ingressar no mercado de trabalho, ou até já possuem algum tipo de vínculo empregatício.

Conforme observado na tabela 2, em 2019 houve uma queda de 1,4% de jovens estudantes em relação ao ano anterior, no entanto é observado um aumento na taxa de ocupados. Assim, é perceptível que uma parcela de jovens terminou os estudos e entrou para a força de trabalho, ou largou os estudos pela necessidade de ingressar no mercado de trabalho.

**Tabela 2.**

População jovem que estuda, economicamente ativos, ocupados e desocupados

Variável	Nº Absoluto (1000)		Proporção (%)
	Ano	Total	Total
ESTUDANTES	2018	261	26,30%
	2019	248	24,90%
ECON. ATIVOS	2018	323	18%
	2019	357	19,60%
OCUPADOS	2018	271	16,20%
	2019	306	18%
DESOCUPADOS	2018	52	5,2%
	2019	51	5,1%

Fonte: IBGE, PNAD Contínua 2018-2019 (Elaboração Própria)

No que diz respeito à variável experiência do jovem mato-grossense no mercado de trabalho, a média é menor que quatro anos. Em relação aos setores de atividade econômica, os jovens se concentraram mais no comércio e indústria em relação aos setores agrícola e de serviços.

Como estipulado pelas normas da CLT- Consolidação das Leis Trabalhistas, o tempo máximo de trabalho semanal é de até 44 horas, no entanto devido a fatores de necessidade bem como as diversidades no mercado de trabalho esse limite varia muito, podendo ser inferior assim como pode exceder. No caso do jovem mato-grossense, a média dos dois anos é de 39,80 horas.

Outro ponto importante a se focar é a taxa de participação desses indivíduos no mercado de trabalho, que também se elevou de um ano para o outro, passando de 65,93% para 70,37%. O que significa que mais jovens nessa faixa etária entraram para força de trabalho, empregados ou em busca ativa de emprego. Por outro lado, a taxa de ocupação na População Economicamente Ativa, foi de 82,55% para 81,87% entre 2018 e 2019 respectivamente.

De acordo com os resultados apresentados, nota-se que os jovens no estado de Mato Grosso são em sua maioria homens, do total, a maioria é declarado preto ou pardo, tem rendimento médio inferior a R\$800,00 com uma média de 11 anos de estudo, e os ativos no mercado de trabalho se concentram no comércio.

### **Resultados e discussão**

Como visto anteriormente, o objetivo central deste estudo é traçar o perfil do jovem mato-grossense e compará-lo com o perfil dos jovens das demais macrorregiões do país, levantado no trabalho de Faro e Ferrarini (2021). Posto isto, veremos que as características desses indivíduos fazem com que apresentem diferentes proporções de ocupação ou não, no mercado de trabalho.

Portanto, para melhor compreensão seguem os resultados trazidos no trabalho das autoras o qual servirá de comparação com o presente estudo. Elas trazem um recorte nacional e outro para as macrorregiões do país, para os jovens na faixa etária de 16-24 anos. Em nível nacional, constatou-se que em 2019, 74% dos jovens nessas idades estavam ocupados dentro da PEA, sendo mais da metade do gênero masculino. No entanto, dados da pesquisa de 2017-2019 revelaram que mais de 40% estavam em empregos informais. Dos ocupados 68% estavam estudando em 2017 e, em 2018-19, a porcentagem se manteve em 69%, observando uma variação positiva de 1 ponto percentual apenas.

No que diz respeito ao tipo de ocupação desses jovens no país, cerca de 43% estavam empregados no setor privado com carteira assinada e, em torno de 26%, sem carteira assinada em 2018 e 2019. Os que trabalhavam por conta própria marcaram 13,69% e 14,56% em 2018 e 2019 respectivamente. Os demais, eram empregados com ou sem carteira assinada nos setores de trabalho domésticos, setor público, empregador, militar e trabalhador familiar auxiliar, todos com porcentagens inferiores a 6%. E os setores de atividades que mais empregam os jovens brasileiros são comércio e indústria, com cerca de 27% e 13% em 2018-19, respectivamente. Porém, o comércio apresentou uma faixa de 40% de informalidade nos empregos.

Para o recorte das macrorregiões, Faro e Ferrarini (2021) trazem dados acerca da formalidade e informalidade no mercado de trabalho juvenil de homens e mulheres, para os setores de atividade econômica em 2017-2019. Os resultados foram de que as regiões Norte e Nordeste apresentaram a maior taxa de informalidade, maior que 60%, nos empregos dos jovens homens, e as regiões Sul e Sudeste apresentaram mesmo percentual, no entanto, para homens em empregos formais. Já o Centro-Oeste se destaca por ter maior porcentagem de jovens homens no mercado de trabalho, em torno de 69%. Quanto às jovens mulheres, segue o mesmo padrão do apresentado para os homens, sendo as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste com maior número de mulheres em empregos formais e as regiões, Norte e Nordeste com elevado nível de informalidade nos empregos. No entanto, essas jovens ainda são a maioria em empregos formais em todas as regiões quando comparadas ao gênero masculino.

Quanto às atividades que empregam esses jovens, as regiões do Norte e Nordeste seguem liderando as informalidades em quase todos os setores. As demais regiões apresentam similaridade entre si. O setor que mais emprega os jovens é o comércio, no entanto, apresenta uma alta taxa de informalidade também. Em seguida temos a agropecuária que apresentou um elevado nível de empregos no Norte, Nordeste e Sudeste. A indústria por sua vez, representou cerca de 20% dos empregos no Centro-Oeste, Sudeste, Norte e Nordeste, e no Sul representa 25% dos empregos entre os jovens da região.

Desta forma, após este breve resumo dos resultados apresentados no trabalho de Faro e Ferrarini (2021), segue a comparação dos dados obtidos no presente estudo acerca dos jovens mato grossenses com a região do Centro-Oeste e com as demais macrorregiões.

Levando em consideração a questão do gênero nota-se que há mais homens do que mulheres, tanto no geral quanto atuantes no mercado de trabalho. Informação esta que se comparada com as demais regiões se assemelha com os resultados do Centro Oeste, a qual também tem uma maior quantidade de homens no mercado de trabalho em relação as mulheres. No entanto, essas jovens mulheres são predominantes em empregos formais em todas as regiões.

No que se refere ao setor de atividade econômica que mais empregam os jovens temos o comércio, que tanto para o estado de Mato Grosso quanto para as macrorregiões se destaca entre as demais atividades. No entanto, este setor apresenta um alto nível de informalidade no trabalho quando comparado com a média total das atividades. Sendo o Nordeste a região com a mais elevada taxa de informalidade em 2017 e 2018, apresentando 59% e 62%, respectivamente. E, em 2019, a região Norte apresentou 62% de informalidade no comércio, passando a ser a região com mais empregos informais (FARO E FERRARINI, 2021).

Esses resultados ressaltam a importância de se investir em educação, para que esses jovens tenham uma melhor qualificação quando forem ingressar no mercado de trabalho, tendo em vista que a escolaridade é um dos principais aspectos para que esses jovens encontrem emprego, de preferência formal. É perceptível a dificuldade em se conciliar os estudos com emprego, alguns desistem, outros trocam horários de estudo para noturno para trabalhar durante o dia, outros optam por empregos noturnos, alguns informais, diante da necessidade de obtenção de renda.

E quando se fala em renda, razão pela qual se trabalha, os jovens se deparam com empregos de baixa remuneração. Daí se tem as altas taxas de informalidade e rotatividade do emprego entre os mesmos, pois ocupam empregos de baixa qualidade, e baixa remuneração no qual não se sentem motivados a permanecer. Assim como apresentado nos trabalhos de Barros et al. (1997), Menezes Filho e Picchetti (2000), Picchetti et al. (2002) sobre a rotatividade da mão de obra.

Outro ponto importante é o investimento em programas de incentivo ao emprego dos jovens, para que esses tenham maior apoio quando se encontrarem frente ao mercado de

trabalho. Como por exemplo o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem), que tem o objetivo de elevar a escolaridade e promover a formação cidadã e qualificação profissional por meio de cursos, aos jovens entre 18 e 29 anos que de alguma forma foram excluídos da escolarização.

Para um melhor direcionamento de políticas públicas de inserção desses jovens no mercado de trabalho, seria necessária uma pesquisa mais avançada com mais anos de estudo e mais variáveis, a fim de traçar um perfil mais sólido e conclusivo de como está a real situação desses jovens, e assim poder direcionar uma política que abrangesse o máximo de jovens possíveis, para que estudos posteriores apresentem resultados mais conclusivos.

Desta forma, vale ressaltar que este trabalho não visou esgotar todas as peculiaridades dessa faixa etária, nem os determinantes da inserção do jovem no mercado de trabalho. É de grande importância dizer que o fato de algumas características serem diferentes quando comparado o estado de Mato Grosso com o Brasil, abrem portas para expansão da análise desses determinantes para a região Centro-Oeste, em comparação com futuros trabalhos.

### **Considerações finais**

Este trabalho teve como objetivo traçar um perfil dos jovens mato grossenses através de características como gênero, raça e renda. Os resultados encontrados indicam que o mercado de trabalho tem maior inclinação a contratar homens em relação às mulheres. Mercado este que apresenta uma grande variedade de características entre seus ocupantes, diversificação na raça (em sua maioria pretos e pardos).

A média de rendimento de todas as fontes demonstra que o mercado de trabalho apresenta uma média rentabilidade aos que dele participam, sendo que ainda há muita informalidade entre os jovens o que possibilita salários muito menores.

Apesar da limitação de informações em termos de desagregação da educação, foi possível observar de maneira geral que, o nível de escolaridade ainda é baixo, em média está em 11 anos de estudo, podendo corresponder ao ensino médio incompleto, ou se houve repetições, ensino fundamental. A qualificação adquirida nesse pouco tempo de estudo pode não ser o suficiente para conseguir se candidatar a vagas de trabalho, que exigem cada vez mais níveis altos de qualificação. O que acaba, por sua vez, tornando-se mais um motivo para entrada na informalidade.

A hipótese de que os resultados para o Estado do Mato Grosso se assemelhariam com os da região Centro-Oeste se confirmaram, haja vista que os resultados obtidos corroboram essa afirmativa. Ademais a maioria dos jovens são homens, os quais são predominantes no mercado de trabalho em relação às mulheres, no entanto as mulheres lideram no quesito empregos formais. E do total, a maioria se declaram pretos e pardos e, se concentram na atividade do comércio, agropecuária e indústria distribuídos pelas regiões.

Vale ressaltar que, essa faixa etária (16-24 anos) é particularmente complexa, haja vista que há heterogeneidade entre os mesmos, características divergentes dentro do grupo, onde

dos 16 aos 18 anos de idade, a maioria está se qualificando com o ensino médio, e geralmente não possuem experiência no mercado de trabalho. Dos 19 aos 22 anos ou concluíram o ensino médio ou abandonaram a escola, alguns estão se graduando, outros já se tornaram chefes de família, mães e/ou já estão trabalhando, alguns ainda tentando ingressar no mercado de trabalho. E tem os jovens acima de 22 anos, que se enquadram em todas as hipóteses acima. Podem ter concluído ou não a educação básica, podem estar na graduação, há possibilidades de serem pais, e/ou cônjuges, alguns tem experiência outros ainda não ingressaram no mercado de trabalho.

Desta forma, como limitações, apresenta-se falta de maior aprofundamento em algumas questões, como por exemplo ampliação dos setores de atividades econômicas e formalidades no trabalho. Assim sendo, para pesquisas futuras que queiram apresentar maior embasamento e caracterização dessa parcela da população brasileira, sugere-se utilização de mais variáveis relacionadas ao mercado de trabalho, se disponíveis.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, R. P.; CAMARGO, J. M.; MENDONÇA, R. (1997). A estrutura do Desemprego no Brasil. IPEA, Texto para discussão n. 478, Rio de Janeiro.
- FARO, K. C.; FERRARINI, A. (2021). Emprego Juvenil nas Grandes Regiões Brasileiras: comparativo da Reforma Trabalhista (2017) com base nos microdados trimestrais da PNAD. In: Anais do Encontro Nacional da ABET: Crises e horizontes do trabalho a partir da periferia. [https://www.even3.com.br/anais/abet\\_trabalho2021/340914-EMPREGO-JUVENIL-NAS-GRANDES-REGIOES-BRASILEIRAS--COMPARATIVO-DA-REFORMA-TRABALHISTA-\(2017\)-COM-BASE-NOS-MICRODADO](https://www.even3.com.br/anais/abet_trabalho2021/340914-EMPREGO-JUVENIL-NAS-GRANDES-REGIOES-BRASILEIRAS--COMPARATIVO-DA-REFORMA-TRABALHISTA-(2017)-COM-BASE-NOS-MICRODADO).
- FERNANDES, R.; PICHETTI, P. (1999). Uma análise da estrutura do desemprego e da inatividade no Brasil metropolitano. Pesquisa e Planejamento Econômico, vol. 29, n. 1, Rio de Janeiro, 1999.
- FLORI, P. M. (2004). Desemprego de jovens: um estudo sobre a dinâmica do mercado de trabalho juvenil brasileiro. Biblioteca Digital USP, São Paulo, 2004.
- GIL, A. C. (1994). Métodos e técnicas de pesquisa social. Atlas.
- GIL, A. C. (2010). Como elaborar projetos de pesquisa. Atlas.
- GUIMARÃES, N. A. (2013). Trajetórias juvenis: um novo nicho em meio à expansão das oportunidades de trabalho? In: Trabalho e formação profissional: juventudes em transição [S.l: s.n.], Ceará.
- MENDONÇA, T. G.; LIMA, J. E.; LIMA, J. R. F.; LÍRIO, V. S.; PEREIRA, V. F. (2012). Determinantes da Inserção de Mulheres Jovens no Mercado de Trabalho Nordeste. Revista de Economia do Nordeste, v.43, n.4, p. 161-174, Minas Gerais.
- MENEZES-FILHO, N.; PICHETTI, P. Os determinantes da duração do desemprego em São Paulo. Pesquisa e Planejamento Econômico, vol. 30, Rio de Janeiro, 2000.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. OIT. (2021). Emprego Juvenil no Brasil. [https://www.ilo.org/brasil/temas/emprego/WCMS\\_618420/lang--](https://www.ilo.org/brasil/temas/emprego/WCMS_618420/lang--)

pt/index.htm#:~:text=No%20Brasil%2C%20s%C3%A3o%20consideradas%20jovens,a%20partir%20dos%2014%20anos.

- PICCHETTI, P.; ORELLANO, V.; CHAHAD, J. P. Z. (2002). Um modelo de decisões relacionadas à rotatividade de mão-de-obra no Brasil. Repositório da Produção USP. São Paulo.
- REIS, M. C.; CAMARGO, M. J. (2007). Desemprego dos Jovens no Brasil: Os Efeitos da Estabilização da Inflação em um Mercado de Trabalho com Escassez de Informação. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro.
- REIS, M. (2015) Uma análise de transição dos jovens para o primeiro emprego no Brasil. Revista Brasileira de Economia. Rio de Janeiro.
- SILVA, N.; KASSOUF, A. L. (2002) A exclusão social dos jovens no mercado de trabalho brasileiro. Revista Brasileira de Estudos de População, São Paulo.
- TOMÁS, M. C.; OLIVEIRA, A. M. H. C.; RIOS-NETO, E. L. G. (2008). Adiamento do ingresso no mercado de trabalho sob o enfoque demográfico: uma análise das regiões metropolitanas brasileiras. Revista Brasileira de Estudos de População, v. 25, n. 1, p. 91-107, São Paulo.